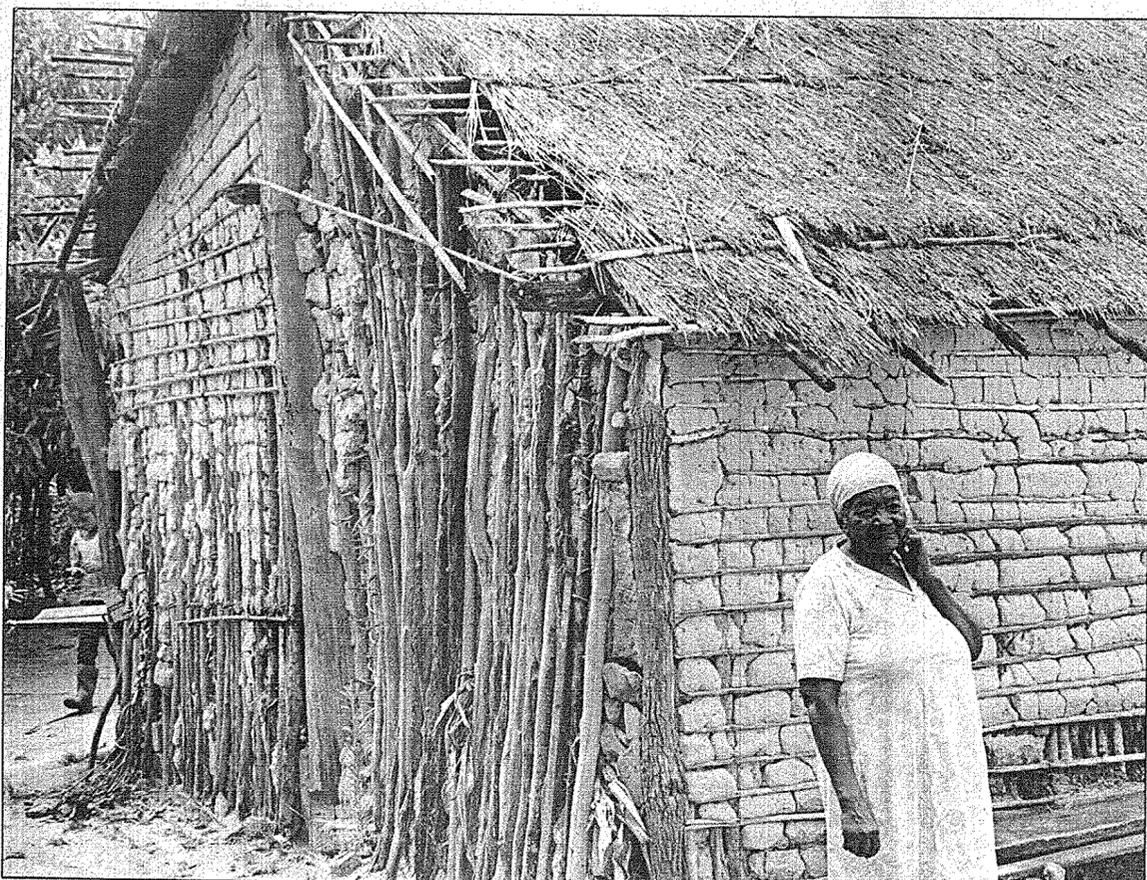
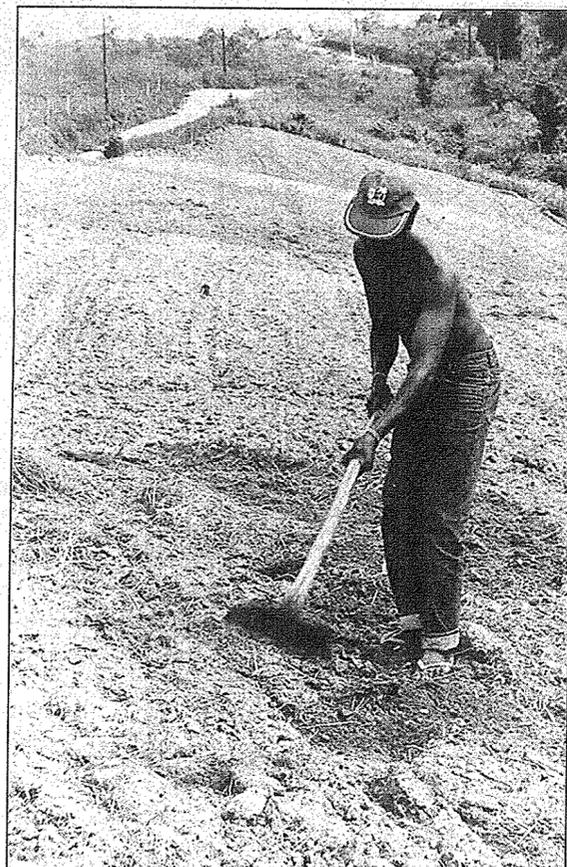


LITERATURA



Casbre de pau-a-pique em comunidade perdida a 150 quilômetros da Capital: Cafundó é foco de antropólogos, jornalistas e linguistas



Morador do local: originário de escravos, guardiões da história oral

# Relatos sobre a essência da origem brasileira

*'Cafundó — A África no Brasil' detalha a formação do País, por meio de 60 sobreviventes, descendentes de escravos, que vivem em uma comunidade a 150 quilômetros de São Paulo e falam dialeto africano*

**NORMA COURI**  
Especial para o Estado

Os casebres de pau-a-pique, construídos em círculo numa comunidade perdida a 150 quilômetros de São Paulo estavam prestes a ser abandonados quando os pesquisadores chegaram, há 18 anos. Pobres e analfabetos, os moradores escaparam de virar marginais na cidade ao se tornar foco de antropólogos, jornalistas e linguistas.

Desde os 35 anos, o linguista e poeta Carlos Vogt, ex-reitor da Unicamp, e o antropólogo inglês naturalizado brasileiro Peter Fry pesquisam, examinam e destrincham a comunidade de Cafundó como se revirassem a arca do tesouro. Eles são os autores do livro *Cafundó — A África no Brasil*, lançado recentemente pela Companhia das Letras, um documento único na história das comunidades africanas no Brasil e dos brasileiros, que relaciona 200 palavras de origem banto, principalmente o quimbundo, utilizadas pelos 60 sobreviventes.

Originários diretos de escravos, guardiões da história oral, exemplares vivos de um pedaço da formação do Brasil, a comunidade deslocada no tempo explica, em identidade, origem e essência, o que significa ser brasileiro. São descendentes de duas escravas

e irmãs, Ifigênia e Antônia, que receberam cerca de 80 alqueires de terra do antigo senhor e fazendeiro pouco antes da Abolição, em 1888, e, ao se casar, geraram dois grupos distintos: os católicos sincréticos Almeida Caetano, que habitam a parte alta de Cafundó, são os anfitriões, qualificados de "cigarras" por Vogt e Fry. "Autônomos, falam a sua língua ou 'falange' africana e não fazem aliança com o poder local", explicam. Os protestantes de pouca conversa Pires Cardoso, concentrados na parte baixa e afastada da comunidade, são as "formigas". "Têm fama de trabalhadores, aliados ao poder local e não se interessam pelo tesouro escondido na comunidade, a 'falange'".

Vogt e Fry perceberam que ali estava um estudo maior do que o linguístico e o antropológico. "Na medida em que tudo isso ia se delineando, desenhava-se junto a metáfora do País, sincretismo, caipiridade, africanismo, estava tudo resumido naquela comunidade cabocla, caipira no sentido sociológico, e africana."

**Interferência** — De bóias-frias com registro de mortes a foice na luta pela posse da terra a símbolo da resistência negra, os habitantes de Cafundó trocam as casinhas de barro batido com teto de sapê pelas construções de cimento cobertas de amianto. "Tinha-

mos consciência da nossa interferência", explica Vogt. "Levamos luz elétrica e outras coisas, mas, se não fôssemos nós, Cafundó tinha se evaporado." Os pesquisadores forneceram meios de subsistência e conseguiram o tombamento de Cafundó em 1990.

Uma coisa intrigava os pesquisadores: por que eles continuaram a utilizar esse léxico? As 200 palavras de origem africana, principalmente angolana, relíquia no Brasil, eram o código de resistência cultural da comunidade, que não aceitava estranhos e expulsou dois intrusos por medo da dominação. "Nós não queríamos apresentar uma pesquisa chata", conta Vogt, que mesclou os dados colhidos em quase duas décadas com humor e poesia. Um atestado a origem africana do grupo por meio do ritmo da abanação do arroz com peneiras de taquara trançada, outro queria implantar um folclore forçado com artesanato em cerâmica, um terceiro sonhou atrair visitantes e recursos com um pitoresco museu da escravatura criado no local.

As idéias mirabolantes foram tantas que os próprios habitantes de Cafundó embarcaram na imaginação e passaram a inventar palavras. "De gravadores e máquina fotográfica em punho, uma vez nos aproximamos de uma senhora de origem bugre que seria usuária de um dialeto estranho", conta Vogt, morrendo de rir. "Ela pronunciou duas palavras, schnaps trink e mangiare — aprendidas na casa de alemães e italianos onde trabalhou como doméstica em Curitiba."

Os ingredientes dessa história são antropológicos. É a história das mentalidades, da vida privada. "Não adianta ficar preso a grandes esquemas sem querer focalizar as pessoas e as pessoas que foram assumindo, as relações pessoais que fazem o dia-a-dia das comunidades, que, às vezes, se resume em descobrir quem foi para a cama

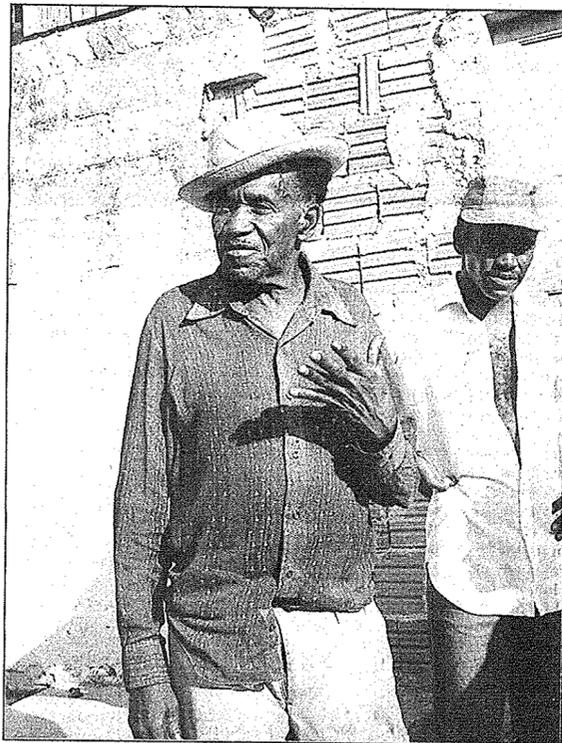
com quem." O livro traz o glossário da língua da comunidade. Junto com as lendas, ele explica a importância de fenômenos como a morte.

Hoje, a comunidade do bairro rural do município de Salto de Pirapora tem outro status. Para Vogt e Fry, a língua foi o tesouro da sobrevivência, "sinal que torna os habitantes do Cafundó vagabundos e cantadores, trabalhadores e mudos, cigarras e formigas, apocalípticos e integrados".

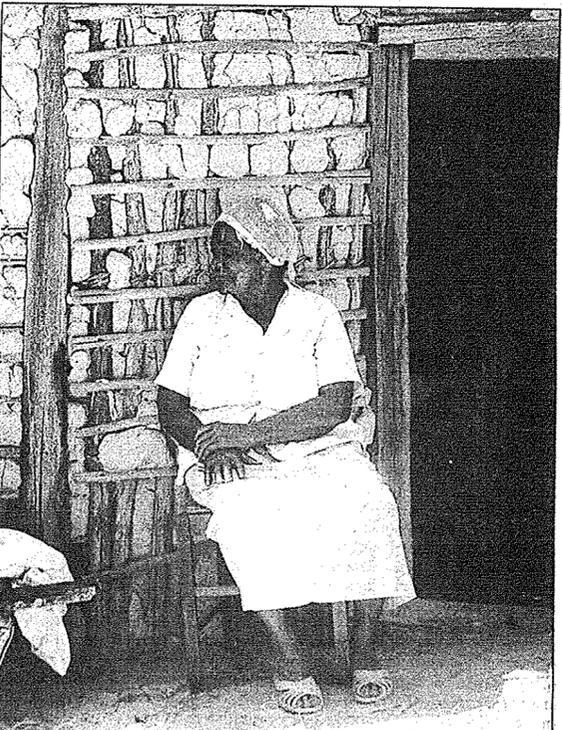
Eles relacionam outras "línguas africanas", "cafundós" enxertados pelo Brasil afóra, ilhas guardiãs da memória da língua como os grupos rurais negros Campinho da Independência, no Rio, Bom Jesus, no Maranhão, Kalunga, em Goiás, Rio das Rãs, na Bahia, Pacoval, no Pará. "A Bahia tem a maior concentração e prestígio na formação de uma cultura com base no iorubá — segundo Nina Rodrigues, as comunidades do Nordeste foram influenciadas pela língua de escravos vindos da Nigéria", diz Vogt. "As influências do Sul do Brasil vieram dos escravos angolanos."

Havia um guardião do segredo. "Quem seguiu o Cafundó no difícil equilíbrio entre a história de privações e a dignidade de possuir um bem incomum foi mestre Otávio Caetano." Nas fotos do livro, Caetano, que foi o elo entre os pesquisadores e Cafundó, é a figura do antilider ou, como os autores preferem, "sucessor de heróis não-viáveis". Caetano falava em forma de poesia. Algumas expressões dão uma idéia da poesia da própria língua: autômvel (urungo de andar) é carro de fogo, pinga (omenha de andar) é água de fogo, namorar (aprumar mirante no ocaio) é pôr o olho na mulher. "Um fenômeno comum nessas línguas de uso menos 'civilizado' — como é entendido no sentido ocidental — é a construção de expressões por analogias e metáforas."

**OBRA**  
RELACIONA 200  
PALAVRAS DE  
ORIGEM BANTO  
E GLOSSÁRIO  
DA LINGUAGEM  
LOCAL



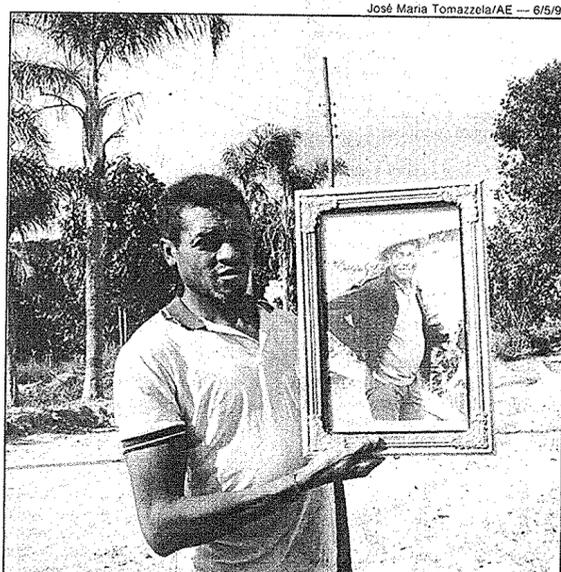
Sincretismo, caipiridade, africanismo: tudo está resumido lá.



Descendente de Ifigênia e Antônia: símbolo da resistência negra



Integrante da comunidade negra: cabocla, caipira, e africana



Otávio Caetano, no quadro: "sucessor de heróis não-viáveis"

José Maria Tomazzella/AE — 6/5/94